

UNILEÃO  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

SILVIANO PINHEIRO DE CIRQUEIRA NETO

**A DIREÇÃO DO TRATAMENTO NA PSICANÁLISE DE CRIANÇAS COM  
AUTISMO**

JUAZEIRO DO NORTE - CE  
2023

SILVIANO PINHEIRO DE CIRQUEIRA NETO

**A DIREÇÃO DO TRATAMENTO NA PSICANÁLISE DE CRIANÇAS COM  
AUTISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

**Orientador:** Dr. Raul Max Lucas da Costa

JUAZEIRO DO NORTE - CE  
2023

SILVIANO PINHEIRO DE CIRQUEIRA NETO

**A DIREÇÃO DO TRATAMENTO NA PSICANÁLISE DE CRIANÇAS COM  
AUTISMO**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 08/12/2023

**BANCA EXAMINADORA**

Orientador: Dr. Raul Max Lucas da Costa

Membro: Me. Francisco Francinete Leite Junior

Membro: Esp. Luciana Coelho Leite Sampaio

JUAZEIRO DO NORTE - CE  
2023

# A DIREÇÃO DO TRATAMENTO NA PSICANÁLISE DE CRIANÇAS COM AUTISMO

Silviano Pinheiro de Cirqueira Neto<sup>1</sup>  
Raul Max Lucas da Costa<sup>2</sup>

## RESUMO

Partindo de uma inquietação ante ao tratamento do autismo, um desejo de transmitir e produzir saber a partir de pressupostos psicanalíticos. Este artigo tem o objetivo de analisar a direção do tratamento na psicanálise de crianças com autismo. Como método, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, exploratória com abordagem qualitativa. Percorre a história de como foi construído a direção do tratamento da criança, quanto da especificidade em questão, o autismo. Em seguida, recorre a literatura psicanalítica, a fim de compreender a constituição do sujeito autista e seus evidentes traços estruturais, presentificados em sua forma de ser e existir. Também, difunde possíveis caminhos que norteiam o universo psicanalítico, na direção do tratamento de crianças com autismo. Exemplos, como o conceito de borda, que indica uma direção ética no tratamento, e no fato da não existência, a necessidade de ser construída; o brincar como ato e resposta do sujeito-criança, ante a sua própria travessia e, a educação terapêutica, ampliando a direção do tratamento para além do consultório, articulando ao universo educativo. Por fim, seguindo aos pressupostos de uma práxis, a psicanálise, o artigo de forma ética não transmite um método em direção aos sujeitos, mas um ouvir a singularidade que cada um, como venha a ser e a existir do sujeito com autismo.

**Palavras-chave:** Direção do Tratamento; Psicanálise; Autismo; Sujeito; Borda.

## ABSTRACT

**Based on a concern about the treatment of autism, a desire to transmit and produce knowledge based on psychoanalytic assumptions. The aim of this article is to analyze the direction of treatment in the psychoanalysis of children with autism. The method used was bibliographical and exploratory research with a qualitative approach. It goes through the history of how the direction of the child's treatment was constructed, in terms of the specificity in question, autism. It then turns to psychoanalytic literature in order to understand the constitution of the autistic subject and their obvious structural traits, present in their way of being and existing. It also discusses possible paths that guide the psychoanalytic universe towards the treatment of children with autism. Examples include the concept of the border, which indicates an ethical direction in treatment, and in the fact of non-existence, the need to be built; play as an act and response of the subject-child, in the face of their own journey; and therapeutic education, broadening the direction of treatment beyond the consulting room, linking it to the educational universe. Finally, following the presuppositions of a praxis, psychoanalysis, the article ethically does not transmit a method towards the subjects, but a listening to the singularity of each one, as it comes to be and exist of the subject with autism.**

**Keywords:** Treatment Direction; Psychoanalysis; Autism; Subject; Edge.

---

<sup>1</sup>Silviano Pinheiro de Cirqueira Neto do curso de psicologia da UNILEÃO. E-mail: silvianopinheiro@gmail.com

<sup>2</sup>Raul Max Lucas da Costa do curso de psicologia da UNILEÃO. E-mail: raulmax@leaosampaio.edu.br

## 1 INTRODUÇÃO

*“O homem se define pelo que o inquieta, não pelo que o assegura”*

*(Wiesel, apud, Jorge; Travasso, 2018. p. 10).*

Este trabalho surge de uma inquietação concernente ao tratamento psicanalítico de crianças com autismo e o desejo de transmitir a difusão do mesmo. Esta inquietação é instigada pela construção e articulação de leituras, quanto a percepção de uma prepotência mercadológica de técnicas comportamentais presentificadas no meio, em se colocarem como único meio científico no tratamento eficaz do sujeito autista.

Tal prepotência implica o universo da psicanálise, pois a inquietude nos estudos quanto do sujeito, vem na forma de sintoma, que é acolhido e colocado como commodity, sendo feita uma mercadoria, como o exemplo das neuroses que são retalhadas pelos psiquiatras, psicanalistas e a psicologia norte-americana, fazendo-as em categorias, a exemplo: os transtornos depressivos, transtorno bipolar, transtorno do pânico, hiperatividade, estados hipnoides, distímias, dependência de múltiplas substâncias; o sujeito de fato não é visto como sujeito em seu estado de existir com seu desejo e querer, é anulado em sua própria inquietude por um deslocamento vindo por parte do Outro, como se fosse aquilo que o sujeito realmente queira, mas no fim é tirar a posição do sujeito da possibilidade de se sentir e entender sua vida (Fink, 2018).

Partindo da problemática de como ocorre a direção do tratamento na psicanálise de crianças com autismo. O autismo na psicanálise não parte como estrutura do que abordou os escritos freudianos, devido atualidade da própria questão, mas vem partindo da escola lacaniana, como é no Seminário 01, *Os Escritos Técnico de Freud* (Lacan, 1953-54/2009), que ao debater o caso Dick de Melanie Klein, oferta como base para a construção do que hoje se debate e se constrói a respeito do tema (Barroso, 2020).

Sendo de fundamental importância para a construção, foi a abordagem estrutural e não a psicogenética da linguagem, que proporcionou retirar o autismo, definitivamente, do campo da deficiência. O que é notória a contribuição para própria história, que muito o estigmatizou e o excluiu, mas agora, com os diversos estudos que produzem saberes, e em especial no âmbito psicanalítico, a exemplo de psicanalistas como Éric Laurent e Jean-Claude Maleval, que permearam no campo dos estudos e pesquisas sobre o autismo, pontuando uma lógica e a dinâmica subjetiva no autismo. Barroso (2020) comenta esse fato histórico desses autores, sendo destacado que Éric Laurent nos anos de 1970 desenvolveu seus estudos com crianças

psicóticas e autistas em um hospital, onde durou seis anos o trabalho e que resultou de um livro intitulado *A Batalha do Autismo*. Já Maleval, parte de seus estudos dos testemunhos colhidos dos autistas, onde extraiu elementos pontuais para sua teoria, como no exemplo a teoria do primado do signo e da retenção da voz no autismo, traz uma distinção entre a psicose e o autismo como outra estrutura.

No livro *A Batalha do Autismo*, Laurent (2014) denuncia que a causa do autismo tem permeado num caminho de prepotência das estatísticas, que alimenta assim um sistema mercadológico da saúde, quanto os que altivamente determinam na causalidade genética e os fatores ambientais. Fazendo assim, uma mortificação do sujeito autista diante de seu próprio enfrentamento, quanto os que realmente experienciam a lida com estes sujeitos (os pais e ou, cuidadores); a singularidade é execrada do debate, hora pelo sistema ou pelo narcísico desejo de estar como único saber.

Segundo Bond, apud, Laurent, (2014, p. 148) "O sujeito quer ser amado como "normal", cada um quer ser amado pelo que há de único em si". Laurent (2014) pontua que no manejo psicanalítico, dado a diversidade da manifestação dos autismos, presentificado em sua especificidade de cada sujeito

[...] em sua diversidade, a complicação e extensão dos circuitos autistas nos abrem pistas para nosso acesso ao sujeito autista. Permitam pensar como a abordagem psicanalítica desse sujeito e do funcionamento real de seus objetos pode ampliar seu mundo e deslocar os limites reais que, no começo, eram rigidamente designados. Para que essa complexificação ocorra, é necessário que uma interação corpo a corpo com o terapeuta possa se dar, ainda que seja no contexto de um lugar de vida como aquele que a "prática entre vários" possibilita (Laurent, 2014, p.58-59).

A justificativa pessoal parte dessa inquietação discutida acima, no desejo e princípio psicanalítico de transmitir o que se pode escrever do não inscrito neste âmbito do tema autismo. Tanto do que se discutiu num passado bem próximo, como é a própria história da psicanálise e, nesse presente-futuro articular e difundir o saber construído. Assim, como já discutido, onde não só um pensamento ou saber comportamental e biológico sejam impregnados e, impostos no e pelo mercado, como sendo único a tratar o sujeito.

Justifica-se a importância de ser produzido e transmitido no meio acadêmico, em um espaço democrático, onde se possa ter uma maior articulação de transdisciplinaridade dos saberes, dando-se o respeito aos desejos e querer do sujeito autista, que pode e deve ser a palavra final para seu próprio processo e prognóstico de tratamento. Quanto também no âmbito social, que parte do respeito à singularidade dos que sofrem e vivenciam a dura lida do autismo,

principalmente pelo aumento desenfreado de casos e o questionamento desse crescimento, decorrente de uma ordem mercadológica.

Segundo Jerusalinsky (2021), a atenção ao próprio sujeito, aos objetos e ao corpo, são para ele o que se destacam como elementos norteadores no manejo-direção de um processo analítico, o que não seja impedimento de uma escuta e articulação entre os saberes, como sendo essencial, tendo em vista que não há um consenso e nem uma certeza quanto a fonte ou origem do autismo. Não se pode então, tratar como uma patologia, mas, partir de como é trazido alguns estudos tantos no âmbito psicanalítico, quanto em outros saberes.

Diante das amiúdes questões que são apresentadas por outras abordagens e que estão sendo subservientes de um desejo asqueroso do mercado capitalista. A psicanálise por meio de seus transmissores do saber, não tem recuado, do contrário, enfrentam incansavelmente com escritos, elaborações sobre o que é o autismo e suas causas, partindo de uma experiência da práxis, na escuta e convívio com os autistas e os seus envolvidos (Ferreira; Vorcaro, 2022).

O objetivo deste trabalho consiste em analisar como aconteceu a direção do tratamento na psicanálise de crianças com autismo. Partindo de uma visita a história psicanalítica, da construção do estudo sobre o autismo e a direção no tratamento; analisar a articulação teórica psicanalítica acerca da constituição do sujeito autista e, descrever possíveis caminhos que possam ser trilhados pela psicanálise no tratamento do autismo, especificamente com crianças.

## **2 METODOLOGIA**

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, exploratória de abordagem qualitativa. A pesquisa bibliográfica “inclui ampla variedade de material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos” (Gil, 2022, p. 44); na utilização da abordagem qualitativa que segundo Minayo (2012) parte dos verbos compreender, interpretar e dialetizar, sendo que no presente trabalho intenta compreender a partir de revisão, análise e diálogo entre as ideias produzidas no meio psicanalítico e, uma articulação dialética com outros saberes, a pesquisa exploratória, pois, consiste em “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (Gil, 2022, p.42). Na pesquisa bibliográfica as bases utilizadas são Google Acadêmico e Scielo. Os descritores nesta pesquisa foram: Direção do Tratamento, Psicanálise, Autismo, Sujeito e Borda. Utilizando os operadores booleanos AND e OR.

Partindo dessas diretrizes, o trabalho percorreu pelas literaturas psicanalíticas dos textos de Freud e Lacan, como base para entender traços estruturais constituintes do sujeito autista.

Autores como Kanner e Asperger, precursores da discussão acerca do manejo do tratamento do autismo, bem como autores como o casal Lefort, Laurent, Maleval, Klein e Winnicott, que em seus atendimentos e estudos, trouxeram para a contemporaneidade, base para outros trabalhos sobre a temática e a direção no tratamento psicanalítico do autismo, especificamente de crianças autistas.

### **3 REVISITANDO A HISTÓRIA**

#### **3.1 A CLÍNICA PSICANALÍTICA COM CRIANÇAS**

Tendo em vista que a criança está em sua constituição, onde após esta passagem é que se finca seus traços predominantes em sua estrutura. Petri (2008), em sua releitura e elucubrações de uma práxis da psicanálise clínica com crianças, sugere que a escuta e o manejo interventivo, deva ser a partir de três tempos, que concerne no tempo da criança pequena, os tempos da criança edípica e o tempo da criança na latência. Estes tempos é o respeito e uma atenção ética ao próprio processo constitutivo do sujeito em formação, o que é articulado aos registros lacanianos pela autora, “Parte da hipótese de que os três registros vão se entrelaçar no tempo da infância na direção da construção do nó borromeano, em um movimento de armação da estrutura psíquica” (Petri, 2008, p. 61).

Freud, o pai da psicanálise, em suas pontuações deixa um leque aberto de caminhos, que norteará a clínica com crianças e conseqüentemente relativo ao tratamento do que já se tem, quanto o que está sendo elaborado por pesquisadores e estudiosos da práxis psicanalítica. Freud inquieta a toda uma estrutura de pensamento da época, trazendo conceitos como a exemplo, o da pulsão, onde a criança não era aquele ser puro, ingênuo e sem malícia, visto pela sociedade da época (Ferreira, 2023).

*Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade*, é o texto célebre em que Freud (1905/2016) incide na sociedade por meio da psicanálise, que este ser visto como puro, ingênuo e sem malícia, é um sujeito em formação que mediante o desenvolvimento do corpo, constitui seu aparelho psíquico neste jogo de relações vividas e sentidas. Tendo assim, a apreensão por parte do sujeito em questão, a criança, da realização de seu desejo almejado ou a não realização do mesmo.

Freud (1901/2021) no texto *Psicopatologia da Vida Cotidiana*, menciona a respeito das lembranças da infância e das lembranças encobridoras, que ao serem manifestas na vida adulta,



são resultados de uma escolha feita ainda na infância, em decorrência da maturidade intelectual da criança que viveu e sentiu suas experiências daquela época.

Na conferência VIII, Freud (1916/2014) discute no texto, *Sonhos de Crianças*, no tocante a sua interpretação e ao uso de uma técnica. Que não haveria em via de regra, essa necessidade, pois os sonhos de crianças eram “[...] curtos, claros, coerentes, fáceis de entender e inequívocos, e, no entanto, são indubitavelmente sonhos” (Freud, 2014, p. 168). Pois estes sonhos, traziam a atividade psíquica do dia anterior, não havendo algo que encobrisse, mas, uma realização direta do desejo.

O pequeno texto *Associação de Ideias de uma Garota de Quatro Anos*, Freud (1920/2011) traz o comentário espantado de uma mãe de uma garotinha de apenas quatro anos. O espanto decorria de um diálogo, com algumas frases verbalizadas pela garota e, que traziam uma compreensão associativa e o vínculo entre elas, o que pode ser visto e pontuado por Freud, como um sujeito em formação e assim, sendo apto ao processo analítico.

Freud (1933/2010) faz menções pertinentes à importância que tem os primeiros anos da infância, reafirmando o que teorizou no *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, em *Interpretação dos Sonhos* e *Psicopatologia da Vida Cotidiana* a exemplos. Nesse período da infância há uma inquietação, onde a criança se depara com o desafio de controlar suas pulsões, ante a relação no âmbito social para que se possa ter um equilíbrio. É um impacto para a criança que nesse momento em formação e construção de seu próprio sujeito, encontra-se com seu Eu imaturo e flexível, e a não constituição ainda do Supereu, são peculiaridades da criança.

Essas “peculiaridades” da criança fazem com que Freud entenda que ela seja sensível ao tratamento analítico e que os resultados, segundo ele, possam ser seguros e duradouros. Entretanto, o fato de a criança não possuir supereu implica, para ele, modificações na técnica, [...]. Também aqui, como nos sonhos, a técnica empregada na análise de crianças se adequa à análise de alguns neuróticos adultos [...] (Ferreira, 2023, p. 58-59).

Freud (1933/2010), ressalta que a condução da criança em análise, a associação livre, não serve para se estabelecer a transferência, pois os pais estão em validação. Desempenhando assim, função que diferencia os adultos em análise. Enquanto nos adultos as resistências são fatores internos, nas crianças essas resistências vem do externo, como por exemplo, os pais desempenham na maioria das vezes, a condução das resistências no processo da criança.

Em suma, foi o pai da psicanálise com caso do Pequeno Hans, que se deu início a discussão a respeito do tratamento com criança na psicanálise. Costa (2007) afirma que influenciados pelo pai da psicanálise, três mulheres são propriamente as autoras de uma práxis

psicanalítica de uma clínica com crianças. Hermine von Hug-Hellmuth foi a primeira a elaborar questões conceituais em decorrência de sua experiência, que foi seguida em consonância por Anna Freud, trazendo uma articulação do tratamento com a educação e, a mais notável, Melanie Klein que com suas teorizações, gerando grandes controvérsias entre as principais associações de psicanálise da época. Fato é que Melanie Klein foi a primeira a estabelecer bases conceituais, partindo de uma psicanálise clássica, uma direção ao tratamento de crianças no âmbito clínico (Costa, 2007).

A história da psicanálise em uma clínica com crianças, segundo a autora supracitada, percorre de nomes como a própria Melanie Klein, seguido de Donald Woods Winnicott, as contribuições de Jacques Lacan e a psicanalista Françoise Dolto. Estas escolas de teorias e práticas experienciais, são as grandes práxis psicanalíticas do que é construído e transmitido com viés e, opções a elucubrações de uma direção do tratamento com crianças (Costa, 2007).

### **3.1.1 Criança e Infância**

Ferreira (2023), enfatiza as diversas significações que os termos criança e infância tiveram pelos tempos e épocas, onde cada cultura em particular toma para si, a fim de validar seus próprios atos e evidenciar seus discursos. Nestas representações, é onde se forma a compreensão do que simboliza a infância e a criança, que direciona o “des-cobrir” (Ferreira, 2023, p. 27), no olhar e escuta do sujeito que se presentifica na clínica, em seu tempo e constituição.

Ariès (2006) faz uma reconstrução histórica do aparecimento da infância, de forma cronológica, onde o autor toma por base, obras de artes dos séculos XIII ao XX, pontuando as diferentes concepções tidas neste percurso de tempos. Postman (1999) traz que o desaparecimento da infância, decorre das mudanças sociais, como a chegada da prensa tipográfica, e demais revolução tecnológica que se seguiu à modernidade.

Concluimos que, a infância é uma construção social e não uma necessidade biológica, haja vista que, a criança é um estágio biológico, e a infância é construída por meio das relações sociais ao longo da história, em decorrência das modificações históricas na forma de organização da vida humana [...] (Rodrigues, 2017, p. 7-8)

Costa (2007), traz uma reflexão no âmbito da relação psicanálise e a criança, que é preciso levar em conta que o conceito de infância, envolve uma narrativa registrada desde a antiguidade até o hoje, propriamente no universo de uma cultura ocidental.

## 3.2 A CLÍNICA DO AUTISMO

Numa revisitação ao contexto histórico, em que se deu a relação psicanálise e autismo, Gonçalves *et al.* (2017) enfatiza que iniciou a discussão a partir dos anos 30 acerca do manejo no tratamento e, que deveria se diferenciar do tratamento feito aos casos de psicose. As autoras trazem os nomes de pesquisadores que pautaram e impulsionaram a práxis psicanalítica. Estes nomes vão de Melanie Klein, ainda nos anos 30 com o caso Dick; em 1942, Kanner; em 1944, Bettelheim; Asperger, 1944; Mahler e Dolto, nos anos 50; Meltzer, nos anos 70; Tustin, nos anos 80; entre os anos 80 e 90 as pesquisas de Laznik-Penor e Jerusalinsky. São nomes de suma importância para uma compreensão da história, em que a psicanálise vem se debruçando sobre a questão do autismo.

Santos, Machado e Domingues (2020) enfatizam que em uma busca entre os anos de 2012 a 2017, os nomes mais citados a respeito do autismo, foram: “Jacques Lacan, seguido por Jean-Claude Maleval, Marie Christine Laznik, Alfredo Jerusalinsky e Maria Cristina Kupfer” (Santos; Machado; Domingues, 2020, p. 322), onde na pesquisa é compilado como principais temas pelos autores: a questão da hipótese de uma falha na constituição do sujeito autista; sobre o diagnóstico, com ressalva aos riscos aos diagnóstico precoces e normativos e, acerca do tratamento do autismo a ser exercido e como deve ser direcionado, com respeito ao sujeito ante à sua própria ânsia de existir e ser.

### 3.2.1 Início da Práxis

Com a publicação em 1930 do caso Dick, Melanie Klein cinde uma discussão acerca da direção do tratamento de criança com autismo, termo que ainda viria a ser reconhecido como uma entidade nosológica nos anos posteriores. Segundo Tafuri e Safra (2008), Melanie Klein aponta que a clínica psicanalítica evolui em seu pensamento para além das interpretações clássicas, sendo um paradigma para se elaborar um ato criativo no desafio concernente ao autismo. O caso Dick, é o marco que secciona tanto a eficácia das interpretações, quanto a criatividade do que proporciona o rigor ético do ato psicanalítico na clínica com os autismos.

Ainda de acordo com Tafuri e Safra (2008), fato que é resultado desse provocar de Melanie Klein, acerca de seu manejo no caso Dick, quanto em sua teoria, a kleiniana. Surgem então dois grupos nos anos subsequentes, de psicanalistas a exemplos de Lefort, Tustin, Dolto e outros, que criticaram essa perspectiva centrada em **o jogo e a transferência** (Tafuri e Safra,

2008, p. 4, grifo do autor) a serem interpretados, que tomava um caminho no significar ou significado

[...] desejaria sublinhar que, no caso de Dick, modifiquei a minha técnica habitual. Em geral, eu não interpreto o material até que ele tenha encontrado expressão em várias representações. Neste caso, entretanto, onde a capacidade de representá-lo estava quase inteiramente ausente, senti-me obrigada a fazer minhas interpretações à base de meu conhecimento geral, sendo as representações do material de Dick relativamente vagas (Klein, 1930, p. 273).

E o outro grupo, o que ascendentes, se valeram das teorias kleinianas para ampliar e criar um pensamento e práxis psicanalítica, a exemplo de Winnicott e Bion (Tafari; Safra, 2008).

Em contínuo, nos anos 40. Kanner, Bettelheim e Asperger, foram nomes que pautaram muitos a buscarem a expansão das pesquisas, principalmente no meio psicanalítico. Kanner em sua pesquisa concentrada na primeira infância, enfatiza características como: “ausência ou inabilidade de manter relações interpessoais compostas pela tríade afetivo-emocional-verbal, a presença de comportamentos repetitivos e estereotipados, além de um repertório limitado de interesses” (Gonçalves *et al.*, 2017 p. 154). As particularidades em destaque, foram bases para inúmeros pesquisas, elucubrações e formulações do que se tem hoje a respeito do autismo, como no manejo do tratamento.

Ferreira e Vorcaro (2022), aponta que dentre suas formulações, percebe-se como ímpar, o que Kanner traz na diferenciação do autismo da esquizofrenia quanto do retardo.

[...] não se trata, como nas crianças e adultos esquizofrênicos, de uma ruptura de relações previamente estabelecidas; não se trata de um “retraimento” sucedendo uma participação. Existe inicialmente um *fechamento autístico extremo* que, sempre que possível, faz com que a criança negligencie, ignore ou recuse tudo o que vem do exterior. [...] (Kanner, [1943] 1997, p. 156).

Após cindir tal incongruência, Kanner com mais autenticidade parte para uma atenção maior, às próprias características das crianças e a escuta aos pais, que segundo as autoras supracitadas, foi um dos aspectos que interligou ao interesse psicanalítico. Como por exemplo a aquisição da linguagem e sua função entre as crianças (Ferreira; Vorcaro, 2022).

Segundo Gonçalves et al. (2017) Bruno Bettelheim traz em suas pontuações, como sendo causa principal da formação do autismo, a questão das relações familiares, com ênfase propriamente a mãe, como sendo culpada de tal desenvolvimento. Hans Asperger é colocado ao lado de Kanner como sendo parte das fontes, a respeito do tema autismo (Lefort; Lefort, 2017). E é destacado em sua pesquisa como principais traços, o problema da limitação das

relações sociais, o uso particular da linguagem e um certo desempenho superior da inteligência em áreas específicas (Barroso, 2020).

### **3.2.2 Divisão e Uma Posição Ética da Psicanálise**

Gonçalves et al. (2017), destaca que dos anos 50 aos 80, foi um período em que os estudos psicanalíticos, foram tomados por uma posição ética, no ato de respeitar o sujeito como o mesmo era em existir e ser, e quanto às tomadas diferenciais na direção do tratamento. Nomes como, Mahler, Dolto, Meltzer e Tustin são autores que se debruçaram em diferenciar estes traços constitutivos do sujeito autista. Sendo assim, uma elaboração por parte desses autores, como outros psicanalíticos, manter-se na práxis psicanalítica, antes a todos os assédios mercadológicos vigentes da época.

Santoro (2008) salienta em sua revisão da história na relação psiquiatria e a psicanálise, que nos primórdios a se ter um conceito do autismo até Kanner, havia uma caminhada em conjunto. Porém a partir de Kanner, começou-se a ter uma cisão entre psiquiatria e a psicanálise, sendo que na psiquiatria pendia para conceituação de que o autismo era puramente genético com intuito de patologizar. Já a psicanálise seguiu entre suas diversas linhas de pensamento, a ver o autismo como autismos e numa multifatoriedade, tendo como fonte primordial, o psiquismo.

Enquanto a psiquiatria seguia numa correria para estabelecer um diagnóstico precoce, com fim, de enquadrar o autismo em uma categoria e conseqüentemente tratar pelo viés organicista, com seus fármacos. A psicanálise vai pelo caminho de respeitar a singularidade de cada sujeito e suas expressões peculiares de ser e existir, e, não pelo diagnóstico precoce, mas sim, o tratamento precoce (Santoro, 2008).

### **3.2.3 O Respeito a Singularidade do Sujeito Autista**

Como supracitado na pesquisa de artigos de língua portuguesa entre os anos 2012 a 2017, Santos, Machado e Domingues (2020) salientam que todos eles têm uma certa identificação com a teoria lacaniana. E nesses estudos, tem-se como evidência a predominância de assuntos como a constituição do sujeito autista, acerca do diagnóstico precoce e normatização, quanto a preocupação com a direção de um tratamento ético. Estes autores, como Maleval, Laznik, Jerusalinsky e Kupfer, não anulam a causa organicista, do contrário, ampliam o olhar, apostando no suposto sujeito e sujeito com suas peculiaridades específicas.

Diante do que vem se presentificando e propondo o mercado do autismo, como a exemplo, o de ver o sujeito em condições deficitárias e as prescrições normativas. A psicanálise subverte esse olhar, apostando no sujeito por meio de uma escuta que ouve, pois o mesmo, é creditado como sujeito em sua particularidade e singular forma de ser (Alvares, 2022).

## **4 SUJEITO, AUTISMO E CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA**

### **4.1 SUJEITO EM PSICANÁLISE: HÁ SUJEITO NO AUTISMO?**

A respeito do termo autismo referente ao sujeito, vale ressaltar o que pontua Tavares (2019) que a criança, o adolescente ou adulto, tem autismo, com autismo. Pois do contrário, afirmar que o sujeito é autista, seria ir de encontro a aposta que a psicanálise tem, de que o autismo se constitui e vem depois do sujeito. A autora, não anula as questões genéticas, mas, tece sua aproximação a epigenética, pois a mesma enfatiza a tal importância que o ambiente tem na criança ante sua constituição.

Segundo Elia (2004) o sujeito é um ato de resposta, e referenciado pelas elucubrações da obra de Lacan, o autor atribui nota que o sujeito não nasce e nem se desenvolve, mas é constituído. Seguindo uma junção e enlace dos mesmos, num primeiro momento, a exemplo, o Grande Outro que se apresenta como Outro Primordial, incumbido de dar o banho de linguagem no sujeito, que é onde o suposto sujeito ou assujeitado, entra no processo que na psicanálise a partir do viés lacaniano, se chama de alienação; já no segundo momento desse processo, é onde outros elementos são presentificados, com fim de enlaçar o nó borromeano, aparece então, a função paterna que tem como consequência barrar o sujeito.

Ao se referenciar ao processo de alienação e separação, que o suposto sujeito ou assujeitado passa, é pontuado por Laznik (2021) que o bebê ao receber o banho de linguagem, no processo de alienação, não completa, há uma falha. No caso, por exemplo, o bebê com predisposição ao autismo, a autora enfatiza que o mesmo não completa o processo de alienação, o mais adiante é discutido por meio de Lacan, o mesmo não fala, mas está na linguagem, sendo assim, há sujeito no autismo.

### **4.2 DISCUSSÕES ACERCA DA CONSTITUIÇÃO DO AUTISMO**

Segundo Gonçalves *et al* (2017) é pontuado que Freud não se pronunciou precisamente ao termo referente a uma entidade nosológica, pois três anos após seu falecimento, foi que se

definiu o autismo. O que não quer dizer uma não leitura ou rotas a serem vistas e pontuadas concernente ao tema, como acima já fora discutido. Lacan não o fez de forma direta, mas pontua ao analisar a condução de Melanie Klein no caso Dick; se refere aos sujeitos, como seres verborrágicos e, segundo suas teorizações em particular da introdução da linguagem. Estas postulações de Lacan, fundamentaram uma gama de autores em elucubrações de seus traços constitutivos concernentes ao autismo, quando posteriormente, não em um tempo cronológico, mas numa práxis, juntando manejo no tratamento aos seus aspectos peculiares, de sua forma de ser e existir.

Articulando, a fim de compreender melhor e transmitir o tema, Barroso (2020) atea que no processo da introdução da linguagem ou a língua do Outro, o sujeito não é que não adquira, mas não suporta e assim, se abriga na solidão, que nesse ato de se defender, consuma na imersão do Real. Sendo então ressaltado pelo autor, a peculiaridade do sujeito autista, a de inventar e reinventar ante a este mundo estranho e indiferente. Traz ainda nessa articulação passos de um manejo clínico, quanto característica ímpar do autismo nessa discussão

Primeira é retirar definitivamente o autismo de uma visão deficitária de seu modo de ser. Segunda é distinguir o autismo da psicose. A terceira é viabilizar a formalização de uma direção de tratamento psicanalítico do autista, seu alcance, seus efeitos terapêuticos e seus limites. Além disso, a elaboração da distinção da estrutura autística do autismo mantém viva a pesquisa psicanalítica sobre o falasser e o que se passa no seu encontro decisivo com a linguagem do Outro, condição que vale para todos que se inscrevem no discurso da civilização (BARROSO, 2020, p. 218).

Ainda no que acentua o autor, acerca dessa forma de inventar e reinventar nesse mundo estranho e indiferente em que se encontra o sujeito com autismo, articula ao que mais a frente será enfatizado, das ilhas de competências, que é um norte de um manejo ético na direção do tratamento, que o sujeito, não é uma tabula rasa ou um ser resumido ao comportamento e ao biológico. Mas, muito mais do que se tenta presentificar a serviço do poderio econômico capitalista, e sim, um sujeito com seus desejos e querer. Assim, o analista que direciona o tratamento, deve ter respeito e clareza consciente que o sujeito antes de qualquer estrutura, constituído de traços próprios que o predominam (Barroso, 2020).

E ao revisar Lacan (1953-54/2009) os escritos técnicos deixados por Freud, compilados de fundamentos fincados como base da psicanálise, aponta no texto, sobre as articulações feitas por Melanie Klein e de Rosine Lefort, que há de fato nos respectivos casos, um entrave estrutural nos sujeitos em questão, onde os mesmos não passam no processo natural da alienação do Outro, como por exemplo, da introdução do sujeito na linguagem, mas que adquirir e compreende, só que metaforicamente com traços perversos, no sentido de denegar apenas, se

reclui e vive numa outra dimensão estrutural, em sua peculiar característica. O destaque de Lacan (1953-54/2009) é enfatizado em três pontos: o do ato da autolesão do caso Dick e como também sua análise do caso Robert, de Rosine Lefort, que indicava um sujeito sem condição, mas por meio do discurso estabelecido, seria viável a promoção a separação do corpo e do gozo para a construção de uma imagem corporal.

Corroborando a discussão acima, Lacan (1967/2003) no texto *Alocução sobre as psicoses na infância*, norteia a investigação psicanalítica para os traços do que predominam na constituição do sujeito autista, como os que são características deles, na questão da linguagem, se está ou não nela. Fato que é exemplificado no caso do texto,

mas o que pergunto a quem estiver ouvindo a comunicação que questiono é se, sim ou não, uma criança que tapa os ouvidos — dizem-nos: para quê? Para alguma coisa que está sendo falada — já não está no pós-verbal, visto que se protege do verbo. (LACAN, 1967[2003], p. 365).

Assim, há uma clara manifestação que o sujeito está na linguagem, mas não a suporta, é invasiva ao sujeito. Ressalta Barroso (2020) que o sujeito autista, assim como outras crianças recebem o significante do Outro, só não chega em sua constituição com uma face simbólica, resultando numa avassaladora, destruidora, face ao real, o que impede a não construção de traços formativos do sujeito nos processos de alienação e separação, como é o caso de outras estruturas, como a neurótica, perversa e a psicose.

Sendo assim, o sujeito autista se constitui com falhas nas instâncias do Eu e Supereu, ficando submerso no Isso, da segunda tópica elaboradas por Freud (1923/2011); em Lacan (1953/1954) fica no registro do Real, o não inscrito, desordem, sendo diferenciada da psicose que imersa no registro do imaginário, onde mais a frente, será discutido essa diferenciação.

Em suma, Barroso (2020) salienta que ler o autismo com Lacan e a psicanálise, é partir para uma outra forma de funcionar, a do próprio sujeito autista. Tendo em vista o que é concatenado e direcionado o tratamento hoje, a partir dos traços estruturais predominantes no sujeito, seja ele neurótico, perverso ou psicótico, o autismo é uma abertura não para desconstruir, mas uma construção

[...] é seguir um caminho de mão dupla. De um lado, a clínica do autismo precisa do último ensino de Lacan. [...] do outro lado, a psicanálise precisa do autismo para explicar o funcionamento e a lógica do significante sozinho junto ao falasser, significante radicalmente separado de qualquer outro significante, que não remete a nenhum S2, mas que produz um efeito de gozo por meio de sua repetição, marcando o corpo como corpo gozando de si mesmo, além do princípio do prazer (BARROSO, 2020, p. 224).



Como sobredito do que é norteado este trabalho para se fundamentar a discussão dos traços constitutivos do autismo, também se faz necessário uma leitura e elaborações teóricas de psicanalistas que se atreveram a abrir e a discutir, quanto trazer supostos caminhos na direção do tratamento do sujeito autista. É o caso de Éric Laurent e Jean-Claude Maleval que com suas elaborações e manejo ante ao tema, questionam, desconstroem e constroem práxis. A autora se referi aos feitos de Laurent e Maleval, como uma espécie de direção ao tratamento, “encontramo-nos, portanto diante de uma articulação teórica inédita, que orienta a abordagem psicanalítica do autismo, diferentemente da abordagem da psicose” (Barroso, 2020, p. 226).

Segundo Maleval (2014) é consenso que o autismo não é uma especificação da psicose e que a psicanálise embora sendo criticada veemente, como é o caso feito pela Autisme France, que o embate se faz em decorrência do caminho trilhado pela psicanálise, de empenhar suas hipóteses numa investigação psicogenética, enquanto a ciência afirma ser o autismo uma questão de uma etiologia em termos de disfunções neurobiológicas. Tal embate, que ainda não é comprovado pela mesma, fato que quanto mais estudos e pesquisas são feitos, evidência com uma multicausalidade de fatores e mutações espontâneas.

Maleval (2014) traz fatos que distinguem o autismo da psicose, enfatiza aspectos estruturais como a ausência de delírio e de alucinações verbais; a vontade de imutabilidade; o autismo não se desencadeia; o autismo evolui na direção do autismo, especificidade dos escritos dos autistas; a retenção da voz e o primado do signo e a volição apoiada em uma borda. Fato desta última discussão, que desencadeia em sua teoria chamada a borda autística.

Em suma, a borda autística é uma junção de três elementos que servem para defender o sujeito autista ante ao desejo do Outro e, três propriedades principais. Os elementos são, o objeto autístico, o duplo e o interesse específico; já as propriedades principais que constituem a borda autística, são uma fronteira, um canal e um captador

A borda autística possui três propriedades principais: ela constitui uma fronteira frente ao mundo exterior, um canal na direção deste, e um captador dinamizador de gozo. Não se deve confundir essa borda que preenche, que divide o sujeito autista mas à qual ele se mantém colado, com a borda aberta (béant) no corpo a partir das zonas erógenas, quando o objeto a é extraído. (Maleval, 2014, p. 33).

Os elementos que constituem a borda autística como fora acima trazidos, são características e traços peculiares dos sujeitos autistas. O duplo e a enunciação artificial, são proteção e apoio que o autista se atém, para sua segurança e proteção quanto a interferência do Outro; os objetos autísticos, enquanto muitos defendem que os objetos autísticos devem cair, o autor defende que se deve percorrer o contrário, o de justamente usar o mesmo como articulação

para se encadear, construir e inscrever o não inscrito; como também o interesse específico, que podem favorecer as ilhas de competências e Outro de síntese, ou seja, é onde o autista é peculiar em seus gostos e queres, propriamente o seu desejo, que pode e deve ser manifestado, justamente em não deixar a cair ou se retirar o objeto autístico, que se evidenciará um prognóstico e direção ao tratamento (Maleval, 2014).

O trabalho de Éric Laurent (2014) vem ainda nos anos 1970, iniciar sua pesquisa em um hospital-dia, com crianças psicóticas e autistas, onde o mesmo em suas observações distingue uma diferenciação do autismo, onde o gozo rejeitado não retorna nem ao Outro a exemplo da paranoia e no corpo, como na esquizofrenia. Assim o autor em suas inúmeras conferências acerca do tema, traz um resumo das discussões na publicação do livro, *A batalha do autismo*. Maleval se vale das elaborações de Laurent, intituladas no de 1992, sobre a fórmula do retorno do gozo à borda, para produzir a noção de borda autística com fora discutido acima.

Mediante tais peculiaridades, é que se tem percorrido a direção dos estudos e o avanço de supostos caminhos de um manejo ao tratamento no universo psicanalítico. Sendo que vale ressaltar, que esse tratamento não se direciona por uma aplicação ou técnica, mas por caminhos que respeitem a singularidade de cada sujeito e suas formas de presentificação, quanto por parte do profissional que conduz o tratamento (Ferreira; Vorcaro, 2022).

## **5 POSSÍVEIS CAMINHOS NA DIREÇÃO DO TRATAMENTO**

### **5.1 A DIREÇÃO DO TRATAMENTO**

Lacan (1958/1998), no texto *A Direção do Tratamento e os Princípios de seu Poder*, pontua que a direção não deva ser em conduzir ao sujeito, mas o foco no discurso do mesmo, pois, é no falar, por meio da linguagem que manifesta o sujeito (consciente e inconsciente), do que não está a mostra, o inconsciente trazido pela psicanálise, o dito e o dizer, o manifesto e o latente. Este falar, como fora discutido anteriormente, não é necessariamente uma verbalização, mas como por exemplo, um gesto, onde seja presentificado a linguagem.

Lacan (1958/1998) nas recomendações pontuadas no texto, enfatiza o desejo do analista, que partiria de uma ciência dos enfrentamentos antes aos percalços, como a exemplo a contratransferência. Assim, o cerne da direção do tratamento, seria que o analista trabalhasse para que a análise ande, haja o processo; por meio de um investimento de sua palavra, pessoa e seu juízo mais íntimo. Sua pessoa presente, como causa de desejo.

Nesse universo que envolve o processo analítico, propriamente na relação analista e analisando, surge o momento que pode faltar palavras como afirma Jorge (2017), onde traz no texto que o analista paga com palavras; na interpretação, paga com sua pessoa; na transferência, paga também como sujeito em que se posiciona, com desejo do analista, com o que há de essencial de mais íntimo em seu juízo, intervindo no cerne em questão.

Sendo que nessa posição em que se coloca o analista, deve manejar a transferência do que se elabora, em decorrência dos encadeamentos significantes do analisando, onde o analista conduz o processo mediante o discurso do sujeito, suportando-o em uma posição de morto (Lacan, 1958/1998). Morto, que é, “morto quanto a seus sentimentos, preferências, tendências, gostos e Juízo” (Jorge, p.148. 2017), o que afirma acima, esse pagamento do analista com o que há de essencial, de mais íntimo, que em suma na ética do desejo é que a análise prossiga e o analisando associe. Outro ponto trazido no texto citado acima, Lacan (1958/1998) enfatiza nessa primeira parte do texto, as dimensões do poder, envolvendo o universo do diálogo analítico, que são: a estratégia, tática e a política. Sendo assim, a estratégia é a transferência; a tática é a interpretação e a política como a condução do tratamento.

Fink (2018) ressalta que o desejo do analista, parte de instrumentos técnicos da psicanálise, como as entrevistas preliminares, onde as intervenções do analista, as pontuações, escansão, dentre outras, que levam o paciente a presentificar sua transferência, quanto o próprio caminho de possíveis interpretações. Fato que desse último ato, seja a resposta, uma construção criativa do que já fora discutido acima, a respeito do sujeito autista, que num entrave em sua estrutura constitutiva, precise enlaçar do Imaginário ao Simbólico, na direção de sua desordem no Real.

Dolto (2013) ao discutir o que chega em sua maioria ao consultório, afirma que são demandas disfarçadas do desejo dos próprios pais, o que de certa forma não deve ser descartado do tratamento, pois são eles que pagam o processo. Sugere a autora, que neste percurso inicial envolva os responsáveis, o paciente e o próprio analista, onde os pais (responsáveis) sejam cientes, pagando o tratamento quanto respeitem o tempo e o processo do filho, e que a criança por meio de uma já estabelecida transferência, assumo o pagamento de sua sessão, que a autora chama de pagamento simbólico.

Dolto (2013) traz que o pagamento simbólico é como um contrato, que se acorda com a criança, a fim de que a mesma se instale no processo como sendo seu, de sua responsabilidade no processo analítico, a fim de que, alcance algo que seja diferente do que se manifestou e se manifesta. Articulado com o que fora discutido no tópico anterior, concernente a uma certa predominância de traços constitutivos no autismo, que são imerso no real, com a peculiaridade

de não suportarem a linguagem do Outro, se abrigam na solidão, como ato defensivo, sendo então pontuado por Barroso (2020) que precisam inventar e reinventar ante a este mundo estranho e indiferente. A relação de seu próprio modo de ser, que em comportamento se retrai, o pagamento simbólico pode vir a ser uma ponte a ligar e conectar o sujeito autista ao outro, seu semelhante.

Petri (2008) pontua uma manifestação de uma grande parte do meio psicanalítico, como sendo contrário ao pagamento simbólico, mas destaca pontos culminantes a serem discutidos nesse manejo da análise com crianças, que envolve a criança, os pais e o próprio analista. A questão da transferência, como o próprio dito lacaniano diz: “no começo da psicanálise está a transferência” (Lacan, p. 252, 1967/2003), a autora pontua que ao identificar a transferência se inicia o tratamento, quanto o próprio manejo técnico que se pode perceber e sentir a aura da ética psicanalítica. Partindo da transferência, fazendo com que a criança venha “ligar-se” ao analista.

Em continuidade, a autora enfatiza também o brinquedo e o desenho espontâneo, vindo como atividades a extrair uma conversação e centralidade consciente por parte da criança a respeito daquele local, como sendo de tratamento terapêutico. O outro ponto ressaltado, é o do próprio pagamento simbólico, que traz como sendo o que instaura no processo perceptivo e consciente, em termo de responsabilidade da criança no processo analítico, que a mesma outrora foi inserida por terceiros no processo, sendo que esse contrato ou acordo tem função de enlaçar na criança, a compreensão da constituição de seu próprio desejo e assim, se tratar (Petri, 2008).

Partindo de que a psicanálise não é uma teoria e experiência retalhada e dividida, mas uma práxis, onde a teoria é enlaçada a partir de uma experiência. Uma ética que sustenta a relação analítica sem a imposição do saber, como é registrado no texto: “Pretendemos mostrar como a impotência em sustentar autenticamente uma práxis, reduz-se, como é comum na história dos homens, ao exercício de um poder” (Lacan, p.592. 1958/1998).

Petri (2008) ressalta que os conceitos, como transferência, interpretação e o próprio ato no processo analítico com crianças, são de suma importância na direção do tratamento, pois, sendo a transferência um manifesto secreto de desejo inconsciente, desemboca em direção ao analista por parte da criança, numa forma de amor; em contínuo a interpretação e o próprio ato, são o enlace estabelecido de um manejo e ambiente estabelecido no tratamento.

## 5.2 POSSÍVEIS DIREÇÕES

Segundo as elucubrações discutidas acima, quanto outras novas ressalvas, é pontuado neste tópico uma articulação da práxis propriamente, tendo o intento de deixar mais claro o manejo dessa condução peculiar em que olha, ouve e intervém a psicanálise. Os caminhos enfatizados sobre a direção do tratamento da criança com autismo (s), diante de muitos outros que poderiam ser citados e discutidos, porém, como este trabalho intenta o caminho da transmissão e uma melhor clareza dessa direção, é pontuado aqui, uma possível direção pautada pela noção da borda, segundo a teoria de Jean-Claude Maleval; o brincar e por último, o exemplo do Lugar de Vida.

### **5.2.1 Elementos da Borda como Direção no Tratamento**

Como no tópico anterior fora discutido trazendo a noção de borda, sendo ela um suporte onde o sujeito se esconde numa espécie de solidão, pelo fato de sua dificuldade ante a linguagem do Outro. A borda em sua sólida constituição, tem em seus elementos uma direção para o trabalho clínico do autismo, como a exemplo, a imagem do duplo, o objeto autístico e as ilhas de competências (Maleval, 2014).

O duplo ou imagem do duplo como fora já discutido, são manifestados como uma especial de segurança e proteção ao sujeito autista quanto a interferência do Outro. Maleval (2014) ao se referir de um comportamento, descreve com uma presentificação do duplo, seria em situações em que o sujeito percebe o risco de uma troca com o Outro, então, o sujeito autista se assegura em uma mão de uma adulto ou em alguma outra parte, como por exemplo o ombro, para evitar a troca. O autor salienta que o analista em se colocar como ponto de referência para o duplo ou como próprio duplo, permite uma especial de inserção de sua libido, para que o sujeito autista tenha possibilitado de um encadeamento de significante, fazendo assim, com que o mesmo saia de seus estado de solidão.

Outro exemplo segundo Maleval (2014), seria de uma personagem “uma personalidade de substituição” (Maleval, 2014, p. 131) que envolve comportamentos, pela voz, olhar e modo de vestir, como uma espécie de imitação, para superar seu próprio receio de perder ou dar algo de si. Fazendo assim, o sujeito autista tem no duplo uma ponte e possibilidade maior de troca, tendo em vista, que o que ele dar na troca, não seria seu, mas o duplo. Por fim, resulta em amenizar sua desorganização inquietante, diante de uma possibilidade de relação com um outro sujeito.

A grande questão pontuada pelo autor supracitado, com relação ao objeto autístico, parte da questão: os objetos seriam entraves para o desenvolvimento do sujeito autista ou participam

na construção subjetiva? Maleval (2014) traz inúmeros exemplos de célebres autistas, que em seus dilemas, diante de inúmeros tratamentos com o viés comportamental, defendem tirar esse objeto, com a justificativa de uma neuroplasticidade. Em contramão, subvertendo essa lógica, a psicanálise aposta não na introdução de um série de novos comportamentos, pois, sabendo de que houve uma falha na alienação, aposta justamente na permanência desse objeto autístico, para uma possibilidade de encadear a outros significantes que são propriamente de seu desejo e querer, que o autor chama de ilhas de competências.

### **5.2.2 O Brincar**

No afã de melhor expor a questão do brincar, numa compreensão para uma prática propriamente, Tavares (2019) diante de uma pesquisa partindo de Sigmund Freud e um compilado das teorias de Donald Woods Winnicott, Ricardo Rodulfo e Victor Guerra, afirma uma profícua relação entre o brincar e constituição subjetiva do bebê. Traz ainda como ênfase, que no âmbito da clínica do autismo, o analista ocupa uma função materna estruturante, em manejar uma relação a relação que sujeito autista tem com os objetos autísticos, quanto suas próprias manifestações de comportamentos estereotipados. Fato que se liga ao que propôs Maleval (2014) concernentes aos elementos da bodas, sendo instrumentos para uma direção do tratamento da criança autista, que em sua singularidade é respeitada e conduzida ao seu desejo e queres, as suas ilhas de competências.

Tavares (2019) ainda pontua, segundo sua revisitação aos autores supracitados, uma direção que seria de suma importância, pensar um ambiente para ser espaço propiciador ao tratamento da criança, para que a mesma surja e construção sua desordem e desenlaces presentificados em sua forma e existência. Em contínuo, a autora ressalta que nesse manejo do brincar, há uma abertura para que o outro surja ao sujeito autista, que no brincar, que não é uma brincadeira, mas um processo de construção e o analista sendo ativamente presente no processo.

O brincar é um ponto ímpar, quando se pensa a direção do tratamento da criança autista, em especial no universo psicanalítico. No brincar, é onde se pode perceber conteúdos como algo que incomoda ou causa de sofrimento na criança, sendo que esse sofrimento não se está a mostra, mas é presentificado nessa relação, sujeito, objeto e o ato de brincar. O ato do brincar, envolve o corpo, sensações prazerosas quanto o contrário, e nesse momento particular é onde o que estava escondido por trás de um sintoma, vem a ser manifesto e conseqüentemente envolverá elementos a serem trabalhados no tratamento analítico (Winnicott, 2019).

### 5.2.3 Educação Terapêutica

“Educar Tratando e Tratar Educando”, é o lema da instituição Lugar de Vida - Centro de Educação Terapêutica, que a mais de 30 anos, atua construindo saberes por meio de pesquisas e o próprio experienciar de uma prática, articulando não só o tratamento num espaço de consultório, mas expandindo e subvertendo a própria lógica de um espaço em que se tenha apenas o paciente e o analista. Esta expansão se dá justamente pelo cerne psicanalítico, em ser a psicanálise uma ética e não uma técnica que se generaliza e adequa a todos, des-singularizando o sujeito. O Lugar de Vida, envolve no tratamento os responsáveis cuidadores, a escola e seus docentes, quanto o próprio universo da clínica. Reafirmam o valor da singularidade de cada criança-sujeito e o desafio da inclusão numa prática do processo da Educação Terapêutica. Neste Processo da ET, é enfatizado a inclusão como um todo, em decorrência dos entraves estruturais, deficiência mental, psicose e o próprio autismo (Lugar de Vida, 2023).

Educação Terapêutica, é um conceito cunhado por Maria Cristina Machado Kupfer (2000), que ressalta uma articulação aos processo terapêuticos de criança com entraves estruturais e os envolvidos, com base em princípios psicanalíticos e combinado as demandas da educação. Diante do que se tem presentificado no campo do tratamento do autismo, um só caminho, dando ênfase a uma lentidão no processo cognitivo e até mesmo em uma deficiência neural, Horta e Merletti (2022) pontuam que a Educação Terapêutica não se restringe a um fator só, mas um olhar ao que se estar muito mais profundo e singular do sujeito-criança, seja com seus entraves estruturais ou as deficiências que são cristalizadas pelos DSMs e CIDs, o tratamento não é por objetivo que o sujeito decore e faça, mas que fale, e não em seu âmbito unívoco, mas seja um encadeamento de significantes, uma fala de interação e relação com os outros sujeitos sociais.

Dentre os instrumentos neste âmbito supracitado, está o APEGI (Acompanhamento Psicanalítico de Crianças em Escolas, Grupos e Instituições), que em seus procedimentos de observação e prática, é fundamentado em cinco eixos teóricos e metodológicos: eixo Presença/Reconhecimento do sujeito; eixo Função do Semelhante; eixo corpo e Imagem corporal; eixo brincar e estatuto da fantasia e o eixo, Função Paterna. Segundo a descrição da Instituição, o APEGI, objetiva fazer uma leitura partindo de seus pressupostos teóricos, por meio da relação, paciente, responsáveis e os próprios profissionais na direção do tratamento. São estabelecidas nas diretrizes psicanalíticas com uma direção a constituição subjetiva e o próprio desenvolvimento da criança/sujeito (Kupfer; Bernardino, 2022).

Outro caminho a ser pontuado, é do lugar da escrita, que por meio das oficinas de escrita, proporciona um espaço para o sujeito autista, seja ele em seu tempo de criança, adolescente ou adulto, um lugar que este sujeito se expresse e crie pontes, contorno ou bordas nas relações com o Outro (Castro; Kupfer, 2020).

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em suma, a inquietação concernente ao tratamento do autismo, o olhar psicanalítico e a própria mercadoria em que foi transformado o autismo... O artigo traz possíveis direções para o tratamento, no consenso de que a posição do analista no processo, seja provocar uma construção ante a desordem no registro do Real, em que se encontra mergulhado o sujeito autista e, seja parceiro junto a ele, como causa de desejo, na direção de um caminho que invente e reinvente, na construção e fortalecimento de bordas. Concluindo que não é um método, que se experienciou em uma pequena amostra e conseqüentemente generalizado a todos, mas um olhar à singularidade de cada sujeito em sua subjetividade vivida e experienciada por cada sujeito autista.

O tratamento no olhar psicanalítico parte da práxis, que não é uma introjeção do que está formulado e estabelecido pelas teorias, no entanto, parte de uma escuta do que há no mais singular e íntimo do sujeito, para então elaborar as diretrizes do tratamento e assim, produzir prognósticos e ver possíveis evoluções que seja ligado a uma produção que se conecta ao outro, não algo de uma memorização no âmbito apenas cognitivo.

A construção do tratamento do autismo, seguiu-se teóricos da psicanálise como Freud e Lacan, em evidenciar subsídios para autores como Maleval e Laurent, que elucubraram a partir de seus experimentos clínicos, como os traços constitutivos do sujeito autista. Sendo que dessas elaborações, outros autores e envolvidos, pode-se ver que a direção do tratamento na psicanálise, segue o que anteriormente fora já registrado, e que embora venha se usar métodos como a exemplos, pedagógicos e lúdicos, são para se fortalecer e ligar o sujeito ao Outro e, não adequá-los ao mundo carregado de desejos e quererem que não seja o de sua subjetividade própria.

Dentre os resultados que foram colhidos e discutidos, o artigo evidenciou possíveis direções no tratamento, como o da noção de borda, que traz a compreensão constitutiva do sujeito e como este olhar pode respeitar e ligar o mesmo a um possível laço além de objetos inanimados, para o ampliar a outros semelhantes; o brincar como direção em que aposta no suposto sujeito, que se constitui em seu tempo e espaços biológico, quanto psíquico,



evidenciando seu desejo, angústia e o próprio apagamento nesse processo e, a Instituição Lugar de Vida, que amplia as elucubrações do âmbito de uma manejo em consultórios, para uma clínica em que articula outros atores, além do paciente e os responsáveis (os pais e ou, cuidadores), a escola.

Assim, o analista se coloca na transferência como um parceiro da criança autista, compreendendo os entraves estruturais, na direção em que se construa pontes antes aos percalços vividos pelo sujeito, quanto ao que se evidencia no âmbito do autismo. Ficando em aberto, o desejo inquietante de uma continuidade na pesquisa, concernente a direção do tratamento nos tempos, do suposto sujeito, da criança, dos adolescentes e adultos.

## REFERÊNCIAS

ALVARES, Katia. A singularidade do autismo In: FERREIRA, Tânia; VORCARO, Angela. **O tratamento psicanalítico de crianças autistas: diálogo com múltiplas experiências**. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BARROSO, Suzana Faleiro. O autismo como estrutura clínica. In: TEIXEIRA, Antônio; ROSA, Márcia (Org.). **Psicopatologia lacaniana: volume 2 :nosologia**. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 217-236.

CASTRO, Maria da Paz; KUPFER, Maria Cristina. Pressupostos e condições preliminares. In: **Práticas Inclusivas II**, desafios para o ensino e a aprendizagem do aluno-sujeito. São Paulo, Escuta/Fapesp, 2020.

COSTA, Terezinha. **Psicanálise com Crianças**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. para uma Aprendizagem Terapêutica. In: **Práticas Inclusivas II: desafios para o ensino e a aprendizagem do aluno-sujeito**. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2020.

DOLTO, Françoise. **Seminário de psicanálise de crianças**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito**. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FINK, Bruce. **Introdução clínica à psicanálise lacaniana**. 1ª.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

FERREIRA, Tânia. **A Escrita da Clínica: Psicanálise com Crianças**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

FERREIRA, Tânia; VORCARO, Angela. **O tratamento psicanalítico de crianças autistas: diálogo com múltiplas experiências**. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

FREUD, Sigmund. A Associação de Ideias de uma Garota de Quatro Anos (1920). In: **Obras Completas, volume 15**: Psicologia das Massas e Análise do Eu e Outros Textos (1920-1923). 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise (1933). In: **Obras Completas, volume 18**: Mal-Estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e outros textos (1930-1936). 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **O eu e o Id, e outros textos** (1923). In: Obras completas, v. 16: O eu e o Id, “autobiografia” e outros textos. São Paulo, Companhia das letras, 2011. p. 13-74.

FREUD, Sigmund. Psicopatologia da Vida Cotidiana (1901). In: **Obras Completas, volume 5**: Psicopatologia da Vida Cotidiana e outros textos (1901). 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

FREUD, Sigmund. Sonhos de Crianças (1916). In: **Obras Completas, volume 13**: Conferências Introdutórias à Psicanálise (1916-1917). 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. Três Ensaio Sobre a Sexualidade (1905). In: **Obras Completas, volume 6**: três Ensaio Sobre a Sexualidades, Análise Fragmentária de uma Histeria (“caso Dora”) e outros textos (1901-1905). 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. ed. Barueri - SP: Atlas, 2022. p. 44.

GONÇALVES, Amanda Pilosio; SILVA, Bruna da; MENEZES, Marina; TONIAL, Luana. **Transtornos do espectro do autismo e psicanálise**: revisitando a literatura. Tempo Psicanalítico, Rio de Janeiro, v. 49.2, p. 152-181, 2017.

HORTA, L. I.; INAFUKU DE MERLETTI, C. K. Aprendizagem terapêutica para crianças com autismo. **PLURAL - Revista de Psicologia UNESP Bauru**, [S. l.], v. 1, p. e022010, 2023. DOI: 10.59099/prpub.2022.13. Disponível em: <https://revistaplural.emnuvens.com.br/prp/article/view/13>. Acesso em: 3 nov. 2023.

JERUSALINSKY, Alfredo. **Psicanálise e desenvolvimento infantil**: Um enfoque transdisciplinar; 7. ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2021.

JORGE, Marco Antonio Coutinho; TRAVASSOS, Natália Pereira. **Transexualidade: o corpo entre o sujeito e a ciência**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**: a prática analítica, v. 3. 1.ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

KANNER, LEO. (1943) **Os distúrbios do contato afetivo**. in: ROCHA, P. S. (Org.). Autismos. São Paulo: Escuta, 1997. p. 111-170.

KLEIN, M. **L’importance de la formation du symbole dans le développement du moi**. In: KLEIN, M. Essais de psychanalyse. Paris: Payot, 1930.

KUPFER, Maria Cristina. **Educação para o futuro: Psicanálise e educação.** São Paulo: Escuta, 2000.

KUPFER, Maria Cristina; BERNARDINO, Leda Fischer. **APEGI - Acompanhamento Psicanalítico de criança em escolas, grupos e instituições: Um instrumento para trabalho com criança-sujeito.** 1 ed. São Paulo: Escuta, 2022.

LACAN, Jacques. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. *In:* LACAN, Jacques. **Escritos**; 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 591-652

LACAN, Jacques. Alocução sobre as psicoses da criança. *In:* LACAN, Jacques. **Outros Escritos**; 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 359-368.

LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista. *In:* LACAN, Jacques. **Outros Escritos**; 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 248-264.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 1: os escritos técnicos de Freud, 1953-1954.** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LAURENT, Éric. **A batalha do autismo: da clínica à política.** 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

LAZNIK, Marie-Christine. **A voz da sereia: O autismo e os impasses na constituição do sujeito.** Salvador: Ágalma, 2021.

LUGAR DE VIDA. **Educar tratando e tratar educando.** Disponível em: <https://lugardevida.com.br/quem-somos/>

MINAYO, Maria Cecília De Souza. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade.** V. 17, nº 3. p. 621-626. Ciência & Saúde Coletiva Mar, 2012.

MALEVAL, Jean-Claude. **O autista e a sua voz.** Trad. P. S. de Souza Jr. São Paulo: Blucher, 2017.

MALEVAL, Jean-Claude. **Por que a hipótese de uma estrutura autística?; La cause du désir,** nº 87/88 89. Paris: ECF, 2014.

PETRI, Renata. **Psicanálise e infância: Clínica com Crianças.** ed. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2008.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância.** Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1999.

RODRIGUES, Adriana Evangelista. **A infância na visão de Philippe Àries e Neil Postman.** *In:* Congresso de Pesquisa e Ensino De História da Educação em Minas Gerais: Repensar a História da Educação, Pensar a Política na História da Educação. Anais. Uberlândia(MG) UFU, 2017. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/COPEHE/50522-A-INFANCIA-NA-VISAO-DE-PHILIPPE-ARIES-E-NEIL-POSTMAN>. Acesso em: 02/11/2023

SANTORO, Isabela. **Espelho, espelho meu**: A psicanálise e o tratamento precoce do autismo e outras psicopatologias graves. Salvador, BA: Ágalma, 2008.

SANTOS, Jéssica; MACHADO, Letícia Vier; DOMINGUES, Eliane. **Um olhar psicanalítico acerca do autismo**: revisão bibliográfica. *Estilos clin.*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 322-338, ago. 2020. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282020000200011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282020000200011&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 02 nov. 2023. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v25i2p322-338>.

TAFURI, Maria Izabel; SAFRA, Gilberto. **Extraír sentido, traduzir, interpretar**: um paradigma na clínica psicanalítica com a criança autista. *Psychê*, v. 12, n. 23, 2008. Recuperado em 10 set. 2023 [https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&q=Tafuri+e+Safra&btnG=](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Tafuri+e+Safra&btnG=)

TAVARES, Talita Arruda. **O brincar na clínica psicanalítica de crianças com autismo**. São Paulo: Blucher, 2019.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. São Paulo: Ubu Editora, 2019.